INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

HISTÓRIA – GRAU LICENCIATURA

MEMÓRIAS FEMININAS DA VILA C: RESISTÊNCIA, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE NA CONSTRUÇÃO DE ITAIPU (1975–2000)

Laura Maria Casuin Nunes

Foz do Iguaçu
2025

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

HISTÓRIA – GRAU LICENCIATURA

MEMÓRIAS FEMININAS DA VILA C: RESISTÊNCIA, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE NA CONSTRUÇÃO DE ITAIPU (1975–2000)

FEMININE MEMORIES OF VILA C: RESISTANCE, BELONGING, AND IDENTITY IN THE CONSTRUCTION OF ITAIPU (1975–2000)

Laura Maria Casuin Nunes

Orientador: Profa. Dra. Ana Rita Uhle

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História, sob a orientação da docente do referido curso, Ana Rita Uhle.

Foz do Iguaçu
2025

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

LAURA MARIA CASUIN NUNES

MEMÓRIAS FEMININAS DA VILA C: RESISTÊNCIA, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE NA CONSTRUÇÃO DE ITAIPU (1975–2000)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História, sob a orientação da docente do referido curso, Ana Rita Uhle.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Ana Rita Uhle

UNILA – Paraná

Prof. Dr. Tiago Costa Sanches UNILA – Paraná

Prof. Dr. Paulo Renato da Silva

UNILA – Paraná

Foz do Iguaçu, XX de outubro de 2025.

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer com o coração pleno de gratidão às mulheres que inspiraram a minha pesquisa, a minha mãe Gladis por sempre acreditar em minha capacidade, a minha avó Celina guardiã da minha história, as minhas irmãs Sara Daniela, Maria Eduarda, Sophia e Saphira companheiras de risos e sonhos, e ao meu marido Walter Soares, que esteve ao meu lado em cada passo desta jornada.

Para conseguir passar por essa longa jornada de quatro anos, agradeço aos meus amigos que fiz durante o curso Maykon, Diego, Heron, Leticia, Alexandre, a presença de vocês foi um fator determinante para superar os momentos de maior pressão. Minha gratidão pelas risadas que aliviaram a rotina e pelo significativo aprendizado mútuo.

Manifesto meus sinceros e profundos agradecimentos pela orientação da Dra. Ana Rita e pelo suporte concedido ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Sua paciência, aliada à expertise e ao rigor científico demonstrados, foram pilares fundamentais para a superação dos desafios inerentes a este estudo. De forma particular, sou grata pela prontidão em facilitar o acesso às entrevistas cruciais, recurso que se revelou essencial para a concretização dos objetivos propostos

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

RESUMO
O presente artigo tem como objetivo as memórias das mulheres que viveram na Vila C durante a após a construção da usina Hidrelétrica de Itaipu (1975–2000) se vinculam com a narrativa histórica oficial, expondo tensões, resistências e a construção de uma identidade de pertencimento feminino. A Vila C foi um conjunto habitacional destinado aos operários e trabalhadores com menor nível educacional, diferentemente das vilas A e B, destinadas ao alto escalão. A pesquisa utilizou a metodologia da História Oral, essencial para resgatar a perspectiva das mulheres, um grupo historicamente marginalizado nas narrativas hegemônicas da obra. O referencial teórico foi fundamentado nos conceitos de Memória Coletiva e Quadros Sociais de Maurice Halbwachs, na noção de Memória Subterrânea e Resistência Social de Michael Pollak, e na abordagem de Elizabeth Jelin sobre a Memória como Categoria Social e Disputa por Sentido. Por meio das entrevistas de história de vida, observou-se que a Vila C se configurou como um palco de tensões sociais, refletidas no estigma de "pé sujo" imposto aos seus moradores pelos habitantes das Vilas A e B. Contudo, os depoimentos revelaram uma poderosa Memória Subterrânea, marcada pelo rigor das regras da Itaipu e, simultaneamente, pela solidariedade e partilha de alimentos, um hábito ligado à cultura rural trazida pelos migrantes. A coesão grupal, que Pollak chama de "Comunidade Afetiva", solidificou uma identidade positiva (Maria: "a minha cidade, Vila C, meu país"). Essa identidade foi crucial para enfrentar a crise e a ruptura de 1991/1992, quando a transição da administração da Vila C e as demissões em massa desestabilizaram os quadros sociais e forçaram uma reinterpretação da memória. Em conclusão, as memórias femininas não apenas complementam, mas ativamente tensionam a narrativa hegemônica de progresso, evidenciando a hierarquia, a discriminação e, sobretudo, a resiliência e a coesão de uma comunidade de pertencimento.

Palavras-chave: *Memória Feminina; Vila C; Itaipu; História Oral; Pertencimento.*

RESUMEN
El presente artículo tiene como objetivo analizar cómo las memorias de las mujeres que vivieron en Vila C durante y después de la construcción de la Central Hidroeléctrica de Itaipu (1975–2000) se articulan con la narrativa histórica oficial, exponiendo tensiones, resistencias y la construcción de una identidad de pertenencia femenina. Vila C fue el conjunto habitacional destinado a los operarios y trabajadores con menor nivel educativo, a diferencia de las Vilas A y B, destinadas al personal de alta dirección. La investigación utilizó la metodología de la Historia Oral, crucial para rescatar la perspectiva de las mujeres, un grupo históricamente marginado en las narrativas hegemónicas de la obra. El marco teórico se fundamentó en los conceptos de Memoria Colectiva y Marcos Sociales de Maurice Halbwachs , en la noción de Memoria Subterránea y Resistencia Social de Michael Pollak , y en el enfoque de Elizabeth Jelin sobre la Memoria como Categoría Social y Disputa por Sentido. A través de las entrevistas de historia de vida, se observó que Vila C se configuró como un escenario de tensiones sociales, reflejadas en el estigma de "pie sucio" impuesto a sus habitantes por los residentes de las Vilas A y B. No obstante, los testimonios revelaron una poderosa Memoria Subterránea, marcada tanto por el rigor de las reglas de Itaipu como, simultáneamente, por la solidaridad y el compartir de alimentos, un hábito vinculado a la cultura rural traída por los migrantes. La cohesión grupal, que Pollak denomina "Comunidad Afectiva" , consolidó una identidad positiva (María: "a minha cidade, Vila C, meu país" - "mi ciudad, Vila C, mi país"). Esta identidad fue crucial para enfrentar la crisis y la ruptura de 1991/1992, cuando la transición de la administración de Vila C y los despidos masivos desestabilizaron los Marcos Sociales y forzaron una reinterpretación de la memoria. En conclusión, las memorias femeninas no solo complementan, sino que activamente tensionan la narrativa hegemónica de progreso, al evidenciar la jerarquía, la discriminación y, sobre todo, la resiliencia y la cohesión de una comunidad de pertenencia.

Palabras clave: *Memoria Feminina; Vila C; Itaipu; História Oral; Pertencimento.*

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

1. Introdução

Na década de 1970, a cidade de Foz do Iguaçu, situada na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, teve seu crescimento acelerado pela ação do Estado, responsável pela construção das pontes internacionais com o Paraguai e a Argentina, além da Usina Hidrelétrica de Itaipu (Bortoluzz, 2024, p. 4). De acordo com Manarin (2008, p. 2), o Tratado de Itaipu, assinado em Brasília, em 1973, que viria a resultar no início das obras da maior usina hidrelétrica do mundo à época, se justificou pela política do governo militar brasileiro de investir em grandes obras, que precisavam de uma grande quantidade de energia elétrica para serem desenvolvidas. Entretanto, uma consequência da construção da usina para a cidade iguaçuense talvez tenha sido o grande número de migrantes que chegaram à cidade para trabalhar. Alvino da Silva (2014), aponta que a população de Foz do Iguaçu passou de 33.970 pessoas, em 1970, para 136.320 em 1980, um aumento de 385% em dez anos, impulsionado pelo início das obras de Itaipu em 1975.

A previsão da chegada de trabalhadores e consequente crescimento demográfico exigiu da Itaipu a criação de uma infraestrutura residencial, surgindo, assim, a estrutura das Vilas de Itaipu, rigorosamente planejadas e hierarquizadas. A Vila C, em contraste com as Vilas A para trabalhadores médios e Vila B para engenheiros, se estabeleceu como o espaço de moradia dos operários e trabalhadores de menor escolaridade. A lógica de organização dos trabalhadores e suas famílias, implementada pela Itaipu e empresas construtoras ligadas ao consórcio, segue um conceito replicado em grandes obras realizadas no Brasil, como a construção de Brasília, ou em diversas barragens e açudes construídos no período. Entre os diversos estudos produzidos sobre o período da construção da Itaipu o foco na dimensão do trabalho na usina, nos desafios enfrentados pelos milhares de trabalhadores que circularam pelo campo de obras, resultou na invisibilização de dinâmicas sociais e de resistência de grupos marginalizados – entre eles, as mulheres que habitavam a Vila C. Por isso, o presente estudo concentra-se na memória de mulheres moradoras da da Vila C, e estabelece o seu recorte temporal no período de 1980 a 1990. Esta delimitação nos permite analisar a perspectiva das mulheres entrevistadas sobre o início das obras de Itaipu, e o período de desmobilização de grande parte do canteiro de obras, em 1991/1992, e a nova organização da Vila C enquanto bairro periférico de Foz do Iguaçu . A questão central a ser respondida por esta pesquisa é: como as memórias das mulheres que viveram na Vila C durante e após a construção de Itaipu se articulam com a narrativa histórica oficial, revelando tensões, resistências e narrativas femininas sobre o processo de construção da usina.

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

Como objetivos específicos, pretende-se na pesquisa contextualizar historicamente a formação da Vila C, ressaltando a experiência das famílias no período da construção; investigar, por meio dos relatos orais, as tensões cotidianas, as formas de socialização, além de refletir sobre o sentimento de pertencimento ao bairro nos momentos de ruptura, como a transição administrativa da Vila C (1991/1992).

A relevância desta pesquisa reside em trazer a perspectiva de gênero, tensionando o foco sobre a "grandiosidade da obra". A perspectiva de gênero é relevante, pois as memórias de mulheres da Vila C trazem novos contornos às narrativas sobre a construção da Itaipu, tornando a experiência das mulheres o elemento central da análise.Neste sentido, o trabalho se fundamenta na abordagem de Michael Pollak (1989), que postula a existência de uma 'memória subterrânea' – aquela que é silenciada ou reprimida pelas memórias dominantes. O foco nas mulheres da Vila C é o caminho metodológico para acessar essa memória não oficial. O presente estudo adota a metodologia da História Oral. Essa escolha metodológica se justifica plenamente pela natureza da pesquisa, que busca abordar especificamente as memórias das filhas dos trabalhadores da Itaipu (1970-1980), priorizando suas perspectivas e vozes, muitas vezes esquecidas nas narrativas históricas oficiais. É fundamentalmente a partir do que o historiador Alessandro Portelli define como a essência desta abordagem que o presente trabalho se alinha: A história oral não tem sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador." (Portelli, 1997, p. 39). Assim, a metodologia de Portelli valida a busca por 'perspectivas' e a recusa da narrativa hegemônica. Interessa-nos, em especial, a forma como as mulheres interpretam e produzem a memória sobre o ambiente escolar e o período de construção de Itaipu, aceitando que a validade do testemunho oral reside em sua riqueza de significados e na sua verdade psicológica, e não apenas na adesão estrita aos fatos registrados oficialmente. As entrevistas foram realizadas como parte de um projeto de extensão conduzido na UNILA[1]. O propósito do projeto era obter a visão dos antigos trabalhadores e de suas famílias sobre a construção da Itaipu, entender como era o trabalho, a cidade e a vida no bairro Vila C, e tentar contar essa história a partir da perspectiva dos trabalhadores, trabalhadoras e de suas famílias. A pesquisa do autor Odirlei Manarin (2008), adequa-se como a principal referência para compreender a formação

[1] Projeto de pesquisa "**Memórias subterrâneas: produção de acervo e espaços de diálogo sobre cotidiano, violência e resistência dos trabalhadores de Foz do Iguaçu**", desenvolvido em **2020** sob a coordenação dos professores **Ana Rita Uhle**, **Endrica Geraldo** e **Tiago Bonato**.

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

social, a organização das vilas operárias e os impactos da construção da usina na vida dos trabalhadores.

Para atender a tal propósito, o trabalho está organizado em duas seções principais. A primeira seção discute a construção de Itaipu e a formação da Vila C, utilizando o conceito de 'memória enquadrada' para analisar o controle social e a narrativa oficial imposta pela instituição. A segunda seção foca nas 'memórias subterrâneas' das mulheres entrevistadas, revelando suas resistências cotidianas, o enfrentamento do estigma social e a construção de um sentimento de pertencimento que resistiu às margens da história hegemônica.

Meu interesse em desenvolver esta pesquisa começou, de forma muito particular, na disciplina de Psicologia da Educação. Foi lá que compreendi que a escola e o bairro não são apenas cenários, mas sim estruturas poderosas que moldam a memória e a identidade. No caso da Vila C, o Colégio Anglo-Americano e a própria comunidade se tornaram o ponto de partida para entender o que Halbwachs chama de "quadros sociais". Mas a verdadeira força deste trabalho é a necessidade de tornar visível a história soterrada das mulheres. A narrativa hegemônica de Itaipu é masculina e grandiosa, e meu objetivo é usar a História Oral para acessar a "memória subterrânea" – aquela que revela a tensão, a hierarquia e, principalmente, a incrível capacidade de resistência e a criação de laços afetivos que definiram a vida dessas famílias.

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

2. A formação da Vila C e a construção da Usina de Itaipu

Para além da grandiosidade da obra e do trabalho difícil nos canteiros da obra, a história da Vila C permite perceber detalhes da dinâmica social, dos sonhos e projetos de famílias migrantes, medos e anseios que, entre outras coisas, mobilizaram a luta por moradia nas periferias de Foz do Iguaçu. Esta seção detalhará o processo de formação desse bairro, as condições iniciais de sua ocupação e a subsequente batalha dos moradores pela permanência no local.

O bairro foi estabelecido entre 1975 e 1978 pela Itaipu Binacional, projetado para acolher os operários que trabalhavam na construção da usina hidrelétrica, com condições de infraestrutura discernida em relação às vilas A e B, destinadas aos engenheiros e técnicos. Conforme relatado por Endrica Geraldo (2022), no texto de divulgação *Vila C de Itaipu, Foz do Iguaçu (PR)*, publicado no site do Laboratório de Estudos da História dos Mundos do Trabalho (LEHMT), "a Vila C representa um espaço de memória para os antigos trabalhadores" e moradores que participaram da construção da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu (Geraldo, 2022).

De início, as casas foram planejadas como uma moradia temporária para abrigar as famílias dos operários até o término da construção da obra. Após a finalização, os trabalhadores seriam dispensados e suas casas seriam demolidas. Por conta disso, houve intensas mobilizações e reivindicações, e as famílias conseguiram garantir a permanência na vila, legitimando as suas vidas na região da tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina (Manarin, 2008, p. 46).

A Usina Hidrelétrica de Itaipu está estabelecida no Rio Paraná, na fronteira de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, e no distrito de Hernandarias, próximo a Ciudad del Este, no Paraguai. A empresa Itaipu Binacional foi criada em 1974 e a construção da usina teve início em 1975. Foi concluída em 1982 e entrou em operação em 1984. Posteriormente, em 1991, continuaram os trabalhos para a construção da casa de força e a instalação de 18 das atuais 20 unidades geradoras.

Para a obra ser executada, foram contratados consórcios de construtoras brasileiras e paraguaias, que eram responsáveis pela montagem eletromecânica. Naquele período, o Paraguai esteve sob a ditadura de Alfredo Stroessner (1954-1989), no momento em que o Brasil vivenciava o regime da ditadura civil-militar (1964-1985). Diante dessas condições, havia um sistema de vigilância que controlava e operava na empresa, com a participação de

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

espiões e agentes infiltrados, que resultava influenciando o cotidiano dos trabalhadores e suas tentativas de organização (Manarin, 2008, p. 23).

Antes da implementação das obras, a usina atraiu inúmeros trabalhadores de diversas regiões do país e também de outros países, como o Paraguai, que se deslocaram para a região de Foz do Iguaçu. Durante este período, o Brasil estava vivenciando grandes obras no setor elétrico, que resultaram em atrair muitos barrageiros. Porém, houve diversas propagandas de oportunidade de empregos, atraindo várias pessoas, com ou sem experiência na construção civil, incluindo trabalhadores rurais. Todavia, a maior parte dos contratados foi do sexo masculino, e as mulheres foram contratadas para algumas funções, como assistente social e ensino em enfermagem (Manarin, 2008, p. 5)

Com o grande número de contratações, foram constituídas vilas habitacionais no Brasil e no Paraguai entre 1935 e 1979; com a construção do alojamento no canteiro de obras, houve um aumento de residências, totalizando 9.500 casas: mais de 5.000 no lado brasileiro (vilas A, B e C) e, no lado paraguaio, mais de quatro mil alojamentos (áreas 1 a 8). As instalações localizadas no canteiro de obras possuíam capacidade para abrigar aproximadamente 12.000 trabalhadores (Manarin, 2008, p. 43).

No lado brasileiro, os administradores, engenheiros, técnicos e funcionários administrativos tinham acesso a melhores refeitórios e serviços. Além disso, ocupavam duas vilas (A e B); essas duas vilas foram planejadas para se manter após a conclusão das obras, como moradia para os responsáveis pela operação e manutenção da usina. Porém, a Vila C foi destinada para os operários, que atuavam como carpinteiros, pedreiros, mestres de obras e eletricistas contratados pelos consórcios brasileiros (Manarin, 2008, p. 6).

2.1 Itaipu e o controle social das vilas operárias

De acordo com a organização da Itaipu, as vilas operárias foram construídas para abrigar os trabalhadores da usina. A infraestrutura dessas casas foi pensada com o objetivo de atender as necessidades dos operários e, ao mesmo tempo, garantir a produtividade na construção da barragem. Para isso, foi construído o conjunto habitacional como o conjunto “A”, destinado aos trabalhadores de nível médio casados, e o conjunto “C”, voltado para os operários casados. Esses locais incluíam moradias, equipamentos sociais, comunitários e recreativos, área de saúde, abastecimento, assistente social e programas de higiene e

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

segurança no trabalho, sendo assim, acabaram fazendo um esforço em criar uma infraestrutura que suprisse as necessidades básicas dos trabalhadores (Manarim, 2008, p. 6-8).

Além disso, as Vilas tinham uma organização que era extremamente rígida, com o controle social. A segurança era privada e era responsável por controlar a entrada e saída das pessoas, em horários pré-estabelecidos, limitavam festas e as atividades, medidas que garantiam que a produção acontecesse dentro dos prazos estabelecidos para a construção da barragem. Paralelamente, a Itaipu oferecia diversos serviços e benefícios aos moradores das vilas, como atendimento hospitalar, transporte para o trabalho e escolas, colégios, clubes, quadras esportivas e centros comerciais, consolidando uma rede de suporte que favorecia a estabilidade dos trabalhadores e suas famílias (Manarin, 2008, p. 11-13).

A divisão social também foi uma característica marcante da organização das vilas. A empresa estabeleceu critérios claros para selecionar, organizar e distribuir os moradores. Enquanto funcionários da Itaipu Binacional residiam nas Vilas "A" e "B", operários das empreiteiras com pouca escolaridade eram encaminhados para o Conjunto "C", dependendo da disponibilidade de casas. Essa divisão refletia as hierarquias e desigualdades presentes no canteiro de obras, com a distribuição habitacional funcionando como um espelho das relações de poder e status no contexto da construção da usina (Manarin, 2008, p. 43).

Outro aspecto importante foi a forma como a Itaipu utilizava a infraestrutura e os serviços das vilas para integrar os trabalhadores a uma "memória hegemônica". A empresa buscava minimizar conflitos e disputas, promovendo a imagem de um ambiente de trabalho saudável e em harmonia social. Essa estratégia também contribuía para fortalecer o controle sobre os operários e reforçar a narrativa institucional (Manarin, 2008, p. 7).

As vilas residenciais também provocaram transformações urbanas significativas em Foz do Iguaçu.

> A construção das vilas residências em uma área próxima à usina e, portanto, longe do centro da cidade, serviu como arma para os setores mais resistentes à nova realidade, que traçavam a rodovia BR-277 como fronteira entre a “cidade de cá”, dos habitantes nativos, e a “cidade de lá”, dos forasteiros, que chegavam com bons salários, garantia de moradia e assistência médica para a família, além de outras vantagens, como escola para os filhos, clube social, quadras esportivas e centros comerciais, transporte para o trabalho e para os colégios
> (Manarin, 2008, p. 42).

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

É necessário observar que a infraestrutura das vilas não estava completamente pronta antes da chegada dos operários, a construção e organização das vilas foi sendo desenvolvida progressivamente ao longo do processo de edificação da usina, adaptando-se às necessidades da empresa e às interações com a cidade. Dessa forma, a organização das vilas pela Itaipu revela que não tinham apenas a intenção de suprir as necessidades básicas dos trabalhadores, mas também tinham uma estratégia de controle social, integração e produção de uma narrativa que contribuísse para a construção de memória e identidade do local.

2.3 Migração, trabalho e formação da comunidade

Em Foz do Iguaçu, na década de 1970, com a construção da hidrelétrica de Itaipu, houve uma grande migração de trabalhadores que acabou tendo um impacto significativo na formação da comunidade porque essas pessoas buscavam melhores condições de vida, e isso atraiu milhares de pessoas de diversas regiões do Brasil, alterando drasticamente o perfil demográfico e social da população de Foz do Iguaçu que, em 10 anos, passou de 20.147 habitantes, em 1970, para 101.447, em 1980. Isso gerou desafios significativos em relação à infraestrutura urbana, habitação e serviços públicos (Manarin, 2008, p. 27-28).

A diversidade cultural foi um outro elemento marcante dessa migração, pois pessoas de diferentes origens, costumes e experiências de trabalho contribuíram para a formação de uma comunidade. No entanto, essa diversidade também resultou em alguns conflitos relacionados à adaptação, integração e disputas por espaços (Manarin, 2008, p. 8-10).

Por mais que Itaipu tenha construído conjuntos habitacionais para abrigar os trabalhadores da usina, as vilas operárias elas acabaram se tornando espaço de sociabilidade para os imigrantes,além de reproduzir as hierarquias e desigualdades presentes no canteiro de obras. Além disso, as condições de trabalho na usina propiciaram novas relações de trabalhos caracterizadas pelas extensa jornada de trabalho, e ritmos intensos de controle da produção. Os trabalhadores enfrentavam condições precárias, com acidentes e assédio moral, o que levou a organização de uma greve e movimentos reivindicatórios por melhores salários e condições de trabalho (Manarin, 2008, p. 42-65).

Todavia, a construção da usina marcou a vida dos migrantes influenciando a sua memória, identidade e trajetória social. Participar de uma construção tornou-se um elemento central na narrativa de vida desses trabalhadores, mesmo após o término das obras e a demolição do canteiro. Entretanto, a priorização dos trabalhadores de fora da região para a

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

construção da Itaipu gerou algumas tensões na mão de obra local e mudanças significativas no mercado de trabalho, tanto durante o período da construção quanto após o encerramento do contrato com a UNICON (Manarin, 2008, p. 7-29).

Em suma, a formação da comunidade em Foz do Iguaçu foi um processo complexo, moldado pela migração em massa de trabalhadores e pelas relações de trabalho na construção e pelas dinâmicas sociais culturais e políticas que surgiram nesse contexto.

2.4 Condições de vida e trabalho dos barrageiros

Conforme o documentário “Le barrage d'Itaipu” e o documento “Comissão Pastoral da Terra”, a racionalização do trabalho acarretou diversas consequências para os trabalhadores, que se autodenominam "barrageiros” (Comissão Pastoral da Terra, 1980). A jornada de trabalho era exaustiva – os trabalhadores eram submetidos a jornadas de mais de 10 horas, sem pausas adequadas para descanso. O trabalho frequentemente se estendia pela noite e madrugada, aumentando os perigos devido à baixa visibilidade. Tinham uma disciplina rigorosa e eram monitorados, Exigia-se que os trabalhadores economizassem nas palavras e realizassem suas tarefas rapidamente. Eles passavam por seguranças e precisavam apresentar crachás para entrar no local de trabalho, uma prática que se mantém até hoje (Chiavenato, 1980, p. 166).

O transporte dos trabalhadores também era precário. Para acessar o canteiro de obras, além da segurança e da apresentação de crachás, os trabalhadores enfrentavam um transporte extremamente lotado e inseguro, o que aumentava o desconforto e o risco de acidentes. Os riscos aos quais os barrageiros estavam expostos eram a poeira, ruído e esforço físico intenso. O documento sugere que os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) eram precários, aumentando a vulnerabilidade dos operários.

Além do transporte ser precário, a alimentação fornecida aos barrageiros era composta por 1.500 a 2.000 calorias diárias e prescrita por um nutricionista; era inadequada para as necessidades dos trabalhadores, que passavam longas horas sob o sol e levantando peso. Era obrigatório o consumo de uma barra de cereal a cada três horas e, em casos de aumento significativo da temperatura, o consumo de sal.

Essa rotina teve um impacto na vida pessoal dos barrageiros, privando-os de uma vida familiar normal e de momentos de lazer. O documento menciona como um operário dormia com o barulho e já estava acostumado devido ao ambiente do canteiro de obras.

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

O olhar sobre a vivência dos trabalhadores durante a construção da Usina de Itaipu expõe um aspecto muitas vezes esquecido: o preço pago em vidas. A organização do trabalho, apesar de pensada para a produtividade do empreendimento, submeteu os "barrageiros" a uma rotina de vida e labor de grande dureza. As longas horas de serviço, a fiscalização rígida, a fragilidade dos meios de transporte e da comida oferecida, e a falta de segurança adequada diante dos perigos causaram danos significativos e prolongados à saúde e ao conforto dessas pessoas. O abandono de suas vidas pessoais e familiares, que incluiu a perda de tempo para o lazer e o repouso necessário, serve como um lembrete silencioso do imenso desafio. Assim, a história de Itaipu só estará completa ao se reconhecer as adversidades vividas por aqueles que, com sua força e capacidade de superação, viabilizaram essa realização.

2.5 Vozes da Vila C: memórias femininas e experiências de pertencimento

A principal finalidade da Vila C era abrigar os trabalhadores braçais envolvidos na construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, iniciada em 1975 e inaugurada em 1984. O Conjunto "C", localizado no lado brasileiro, foi destinado principalmente a trabalhadores casados, geralmente serventes. Inicialmente, a vila contava com 1300 residentes, esse número aumentou para 2900 ao longo das obras. As casas eram simples, feitas de blocos de concreto com telhado de zinco e forro de isopor, eram organizadas em barracões geminados que abrigava quatro famílias por unidade. Essa localização era estratégica, pois o conjunto estava próximo ao canteiro de obras (Manarin, 2008, p. 6).

O bairro era formado por uma diversidade de trabalhadores, incluindo aqueles com experiência na construção de barragens e outros iniciantes na atividade. As casas possuíam 60 m² e 80 m², com dois a três quartos. Apesar da simplicidade das casas, os trabalhadores viam as moradias como uma melhoria de vida em relação às suas condições anteriores. Após o término das obras, a Itaipu planejava demolir o bairro, mas, entre 1991 e 1992, as casas foram vendidas aos trabalhadores, permitindo que muitos permanecessem no local e consolidassem suas vidas na região (Manarin, 2008, p. 47–49).

A construção das vilas residenciais também impactou a organização urbana de Foz do Iguaçu, criando novos espaços e contribuindo para uma divisão simbólica da cidade. A empresa divulgava a construção dos bairros como um marco divisório da BR-277, separando a cidade dos habitantes nativos, e a cidade dos forasteiros. Essa divisão reflete as hierarquias

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

presentes no canteiro de obras, com os trabalhadores das empreiteiras e de menor escolaridade sendo direcionados para o Conjunto "C" (Manarin, 2008, p. 42-47).

No tocante às fontes, a primeira entrevista foi realizada em Foz do Iguaçu, em 29 de setembro de 2020, via *meet*. A entrevistada chama-se Maria*, 45 anos, natural de cidade no interior de Minas Gerais. Nasceu em 1975, chegou à cidade em 1978 e se mudou para a Vila C em 1986. Trabalhou no Colégio Anglo-Americano[2]. A partir de 13 de maio de 1987, onde atuou como inspetora de alunos e auxiliar de professores, e saiu em 1991, quando o colégio foi desativado. Ela também trabalhou no Conselho Comunitário (antiga Cobal[3]) da Vila C..

A segunda entrevista foi realizada em 11 de outubro de 2020. Amanda, 53 anos, nasceu em 1967, em uma pequena cidade do interior do estado de São Paulo. Mudou-se para Foz do Iguaçu em 1978, quando tinha onze anos e reside atualmente na Vila C, na casa que seu pai comprou. Trabalhou em diversos locais, incluindo o colégio Anglo-Americano da Vila C como secretária e no Colégio Estadual Flávio Warken, além de ter sido zeladora na Usina de Itaipu. É importante notar que Maria estava presente e fez comentários e interações pontuais durante a entrevista de Amanda, confirmando a convivência e amizade entre as duas, que inclusive trabalharam juntas no colégio Anglo-Americano. As duas também ficaram grávidas na mesma época e se referem uma à outra como parte da família, sendo Maria "mãe de leite" do filho de Amanda.

3. Memória, Identidade e Pertencimento

Maurice Halbwachs (1968) discute as lembranças escolares dos indivíduos dentro do seu estudo referente à memória coletiva e aos quadros sociais da memória. Esses quadros sociais representam os grupos ou estruturas que fornecem contextos comuns para a construção e preservação das memórias, como a escola, a família e a comunidade local. O livro do autor aponta que a escola é um dos grupos que servem de quadros sociais para a memória, assim como a família, os amigos e a cidade, e também explora como as lembranças escolares se inserem na memória coletiva e na memória individual (Halbwachs, 1968, p. 29, 62, 65).

---

[2] O Colégio Anglo-Americano, uma escola particular que funcionava na Vila C, também fazia parte da infraestrutura oferecida pela Itaipu para os 3 moradores do bairro.

[3] O Cobal era um espaço localizado na Vila C que funcionava como um centro comercial e de serviços para os moradores, fazendo parte da infraestrutura fornecida pela Itaipu durante o período em que a vila era administrada pela usina. Era descrito como um barracão que abrigava diversos pequenos comércios, conhecidos pelos moradores como "várias portinhas". No interior do Cobal era possível encontrar: comércio de roupas; açougue; padaria; farmácia; frutarias.

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

Em um exemplo específico, é descrita a perspectiva de um professor para o qual cada ano de ensino “ não se opõe tão nitidamente a todos os demais”, mas os alunos lembram diferente. Para eles, a lembrança dos professores, do lugar e dos acontecimentos escolares não é puramente individual, mas é influenciada pelo grupo da classe. A duração da memória de uma classe parecia ser limitada pela “força da coisa” (o grupo). Testemunhas (alunos que permaneceram) subsistem e podem lembrar-se, enquanto outros que se dispersaram podem não lembrar ou não ser lembrados (Halbwachs, 1968, p. 30).

Halbwachs distingue a memória vivida a partir da infância da memória que se distingue “pelas palavras, da linguagem e de algumas noções emprestadas da vida prática”. A memória histórica ou coletiva não se confunde com essa memória puramente individual e sensível. As lembranças escolares podem ser vistas como algo que se situa nesse plano da memória coletiva, pois são construídas com base em quadros históricos ou coletivos, utilizando a linguagem e noções partilhadas pelo grupo (Halbwachs, 1968, p. 62).

Lembrar-se de ter entrado na escola ou no colégio pela primeira vez é apresentado como um exemplo de lembrança. O livro sugere que, neste caso, a lembrança não seria apenas uma impressão individual, mas envolve a reconstrução de um quadro histórico do evento dentro do pensamento coletivo (Halbwachs, 1968, p. 73).

Adicionalmente, o autor menciona a escola no contexto de experiências compartilhadas, como a leitura ou a participação em apresentações teatrais ou musicais. As lembranças musicais, por exemplo, podem ser ancoradas nas partituras (objeto material) e no próprio músico (indivíduo), mas a experiência musical e as memórias associadas são também influenciadas pelo grupo (orquestra, público) e pelas convenções sociais. No contexto escolar, a leitura ou a participação em atividades culturais também contribuíram para a memória coletiva do grupo escolar, moldada por regras e práticas compartilhadas (Halbwachs, 1968, p. 186).

Em resumo, para Halbwachs, as lembranças escolares não são eventos isolados da consciência individual, mas estão profundamente enraizadas nos quadros sociais da escola como um grupo, sendo influenciadas pela interação com outros membros (colegas, professores) e pelas noções e linguagem compartilhadas nesse ambiente.

Nesse sentido, as lembranças escolares e comunitárias relatadas por Maria e Amanda demonstram como o passado é construído a partir de experiências compartilhadas, de espaços comuns e de vínculos sociais duradouros. Tanto Maria quanto Amanda recordam suas

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

vivências no Colégio Anglo-Americano, que, segundo as duas, foi um espaço marcante de convivência e pertencimento.

> “Aah.. olha, menina, vou falar bem a verdade, era a melhor época da nossa vida. Era muito bom, né, o colégio… era uma escola de madeira, pintada de azul... trabalhava de comissária no ônibus pra ir pegar as crianças... Era bem gostoso assim.” (Maria, 2020)

> “O Anglo-Americano era o sonho de qualquer criança, adolescente estudar na Vila C. Tinha tudo, inspetor de aluno, merenda, colônia de férias... Eu tenho muitos amigos que conheci lá.” (Amanda, 2020)

A memória das entrevistadas em relação à estrutura educacional e social oferecida pela Itaipu é marcadamente positiva e está ligada com o contexto de origem de suas famílias, oriundas de áreas rurais e de pobreza. Maria e Amanda cresceram em famílias migrantes que vivam na roça e enfrentaram o desemprego no interior de São Paulo

> Meu pai é... minha mãe- eles trabalhavam na roça lá em Iepê. É uma cidade bem pequenininha lá perto de Porecatu, eles trabalhavam na roça. Na realidade lá em Iepê não tinha- não tem muito emprego né, agora que se expandiu né... muitos anos que eu não vou lá, mas não tinha muito emprego né... na época que meu pai- o que minha mãe fazia era trabalhar na roça... meu pai a maioria das vezes também era na roça e... ficava desempregado... né não tinha emprego lá (Amanda, 2020).

Amanda relata que, antes de se mudarem para Foz do Iguaçu, o brinquedo das crianças era “sabugo de milho”. Contudo, com a chegada na Vila C trouxe a percepção de “muitos benefícios”. O estudo no Anglo-Americano era descrito como:

> Nossa, na escola, o Anglo-Americano era... nossa, era o sonho... de qualquer- é… criança, adolescente estudar na Vila C- no Anglo-Americano. Porque eles... é, o Anglo-Americano tinha tudo. Tinha tudo, você entende? Tinha... é.... de zelador a diretor a inspetor de aluno, que cuidava da gente, qualquer coisinha chamava os pais, qualquer coisinha, entendeu? Eu tinha muitos amigos. Eu tenho muitos amigos de muito tempo que eu conheci aqui na Vila C. Tenho muito amigo, era muito bom estudar no Anglo-Americano. (Amanda, 2020).

Essa estrutura educacional robusta era vista como um caminho essencial para o futuro, com Maria destacando a presença de excelentes escolas como o Flávio Warken e o Padre Luigi na Vila C, afirmando que "não precisa sair" se os filhos "querem estudar mesmo"

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

Essas memórias revelam o impacto da desintegração dos grupos que sustentavam a vida cotidiana. O fechamento do Anglo-Americano, em 1991, e a transição da administração da Vila C representam um período de insegurança para os moradores. Destaca-se que a memória se ancora em elementos materiais e sensoriais – objetos, lugares, sons, cores – que ajudam a reconstruir o passado dentro dos quadros coletivos.

> "91 foi o ano que mandaram os peões embora... a Itaipu passou as casas pra Caixa Econômica... Foi uma mudança radical." (Maria, 2020)

> "Quando começou a Vila C a passar da Itaipu pra prefeitura, muita gente foi embora. O Anglo-Americano fechou, e a gente se despediu das colegas, algumas foram pra outras cidades." (Amanda, 2020)

As descrições detalhadas de espaços e objetos – a cor da escola, o barro das ruas, o tamanho da casa – funcionam como marcadores de memória, isto é, pontos concretos que sustentam e evocam as experiências coletivas. Esses detalhes mostram que a memória das entrevistadas é reconstruída por meio de lugares simbólicos da vida no bairro e na escola. As falas de Maria e Amanda evidenciam que suas lembranças escolares e da Vila C não se configuram como recordações isoladas, mas como parte de uma experiência coletiva, compartilhada entre famílias, vizinhos e colegas. Assim como propõe Halbwachs (1968), a memória individual se constrói e se mantém dentro dos quadros sociais – neste caso, a escola e a comunidade. O Anglo-Americano, a vila e os objetos cotidianos funcionam como referências coletivas que organizam as recordações e permitem compreender como essas mulheres constroem suas memórias sobre o passado.

> "Era uma escola de madeira, pintada de azul… quando chovia o onibus ia pegar a gente… era um barro… a gente usava bota de sacola." (Amanda, 2020).

> "A gente, a gente tinha uma casa super espaçosa com três quartos, sala, cozinha... A gente, é, gostava muito, né. A chegada aqui na Vila C foi ótimo porque daí a gente tinha segurança, né, porque tinha os guardas de Itaipu que cuidava da Vila C, tinha uma guarita na entrada e a gente não podia entrar mais ninguém que, que não fosse morar- que não trabalhasse na vila." (Amanda, 2020)

Para Pollak (1989), a teoria referente à memória – e, por extensão, à metodologia das entrevistas que dela deriva – foca no construtivismo do trabalho de reconstrução e formalização da memória, dando destaque especialmente aos desfavorecidos, marginalizados e minorias.

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

Observei nas entrevistas de história de vida de Maria e Amanda que é de suma importância adotar a empatia com as pessoas entrevistadas como regra metodológica e utilizar a história oral para revelar as memórias ocultas que geralmente se opõem à narrativa oficial.

De início, a entrevistadora destaca a importância de focar e ouvir as mulheres, pois elas oferecem um olhar diferente, muito peculiar, sobre o período – especialmente devido à marcação de um espaço masculino e um espaço feminino na época da construção da usina e do bairro.

No meu ponto de vista, notei que a história oral vai muito além de uma mera coleta de histórias: ela permite acessar camadas profundas de experiências que nunca apareceriam em documentos oficiais ou registros tradicionais. As falas de Maria e Amanda nos mostram isso: elas não apenas contam histórias, mas expressam seus sentimentos, pertencimento e percepção única do passado. A escuta empática se torna crucial nesse processo.

> Então pode ser que a gente vá embora um dia, mas não por causa, tipo assim "ai, vou embora dessa vila porque eu não gosto". Não, eu gosto muito da Vila C. Se eu for embora um dia da Vila C, é por necessidade de ficar perto da família mesmo, de unir a família novamente, né? (Maria, 2020).

> Eu não, não me vejo é… fora da Vila C. Eu falo uma coisa que meu irmão, Carleon, sempre fala: "quem bebeu água da Vila C, nunca- volta". Muitas pessoas já foram embora da Vila C, não conseguem ficar longe da Vila C, voltam. É tudo, porque aqui a gente tem tranquilidade (Amanda, 2020).

Entretanto, o uso da história oral para reconstruir é uma ferramenta que Pollak utiliza para mostrar a importância das memórias ocultas, com o objetivo de permitir que o indivíduo reconstrua sua experiência dentro de uma base compartilhada.

Quando se explora a percepção externa da Vila C, é notória a rivalidade e o medo cultural que existia. Fora de Foz do Iguaçu, pessoas da cidade natal de Amanda alertavam que os paraguaios "tomavam as filhas e as mulheres dos brasileiros".Também havia uma disputa interna entre a Vila C, cujos moradores eram considerados "pé sujos" pelos alunos da Vila A, as entrevistadas mencionaram que os estudantes da Vila B davam mais problemas e que a Vila C era malvista.

> Só que a gente era fuleira lá na Vila A. A gente- quando nós chegava lá, sabe como que a gente fazia pra não ser... taxada de pé sujo lá? A gente colocava- no dia de chuva, colocava um- umas duas sacolas nos pés pra ir com- não ir com o pé cheio de

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

> barro, porque não tinha asfalto aqui, e daí a gente era considerado, lá na Vila A, pé sujo (Amanda, 2020)

Na leitura de Pollak, ele argumenta que a empatia com os grupos dominados é uma regra metodológica. Isso se baseia na criação de um ambiente seguro e de escuta ativa para facilitar a emergência de lembranças profundas.

Quando se trata da aplicação das entrevistas, a entrevistadora demonstrou preocupação com o bem-estar da entrevistada (Maria), limitando a duração da conversa para "não cansar" as entrevistadas. Isso estabeleceu um tom acolhedor. A interação foi controlada pela entrevistadora, que optou por interagir e rir, demonstrando escuta e empatia, mas silenciando o áudio para não interromper – mostrando respeito pela narrativa ininterrupta da entrevistada. Isso permite o surgimento de lembranças vívidas e detalhadas, como a descrição da casa na Vila C, das regras do bairro ou das lembranças dos ônibus na Vila A.

Analisando a formalização da memória comunitária, Pollak se interessa por como os fatos se solidificam e se tornam estáveis. No contexto da Vila C, isso significa entender como a identidade comunitária foi construída e mantida, mesmo após o fim da gestão da Itaipu.

Solidificando a identidade do bairro, as entrevistadas formalizam a Vila C como um lugar único e positivo.

> "a minha cidade, Vila C, meu país."(Maria, 2020)
> "que bebeu água da Vila C, nunca volta" e "representa… ah, tudo." (Amanda, 2020).

Tais memórias são reforçadas pelo sentimento de segurança proporcionado pela infraestrutura da escola (Anglo-Americano), que existia na época de Itaipu. A cultura solidificada da Vila C inclui características atípicas para um bairro urbano, como o costume de compartilhar comida com os vizinhos, que Maria chama de cultura rural, indicando como as origens dos trabalhadores mudaram a memória e a vida social do bairro.

A autora Elizabeth Jelin (2001) apresenta uma discussão teórica para pensar em como a memória se constrói e se manifesta em um ambiente escolar, visto que a escola é um local de socialização e herança cultural. Trata a memória como uma categoria social, referindo-se ao seu uso social e político e às crenças do senso comum. Portanto, a memória escolar pode ser entendida como uma manifestação social dessa categoria, envolvendo o que é lembrado, ensinado, esquecido, valorizado ou silenciado no ambiente escolar.

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

O ponto de vista da autora sugere o processo de socialização e práticas culturais, visto que a memória envolve saberes, crenças, padrões de comportamento, sentimentos e emoções, os quais são transmitidos e recebidos por um grupo social. A escola é um local de socialização e herança cultural, em que o conhecimento, os valores, os comportamentos e as narrativas sobre o passado são ensinados (Jelin, 2002, p. 1-16).

A análise da autora sobre a memória como uma construção social, moldada por marcos sociais, processos de socialização, transmissão cultural e disputas por sentido, é inteiramente aplicável para compreender a complexa dinâmica da memória dentro do ambiente educacional e da instituição escolar. A escola seria um dos palcos onde as memórias, tanto individuais quanto compartilhadas, são construídas, negociadas, transmitidas e ativadas.

As ideias de Elizabeth Jelin sobre a memória, enquanto processo de construção social e fenômeno plural, refletem-se profundamente nas experiências e nos relatos de Joana e Maria, especialmente em relação à formação da identidade coletiva e individual na Vila C e às rupturas históricas vivenciadas. Baseando-se em Halbwachs, enfatiza que as memórias individuais estão sempre enquadradas socialmente e que o contexto social é impossível de ser ignorado no processo de lembrar.

O controle e a segurança fornecidos pela Itaipu, com guardas, guaritas na entrada e a sensação de que "não tinha perigo nenhum" segundo Joana e Maria, estabeleceram o quadro social da Vila C. Regras rígidas como limites de som e horários de festas; ação da guarda que trazia as crianças para casa demonstram como o comportamento era rotineiramente enquadrado. Para Jelin, esses quadros sociais incluem a visão de mundo e os valores do grupo.

> Era gostoso, Foz do Iguaçu... Eu sempre falo pro meu esposo, né. Falo pra ele, Foz do Iguaçu naquela época era muito bom. O movimento, as pessoas, né. E outra coisa, não tinha tanta violência igual tem hoje, sabe? Era bem tranquilo de morar aqui. Tanto que quando a gente veio morar aqui na Vila C. A Vila C não tinha muro, (risada) as casa da Vila C nenhuma tinha muro, era tudo aberto. Só que a gente tinha proteção, né. Tinha a guarda da Itaipu que passava 24 horas. Mas não tinha, não tinha perigo nenhum (Maria, 2020).

As práticas cotidianas não reflexivas, ou memórias habituais, demonstram essa interconexão. Quando Maria menciona que o costume de partilhar comida com os vizinhos

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

está ligado a uma prática ligada à cultura rural, trazida por muitos moradores, a Vila C, se torna uma "vila rural dentro de um município".

A ideia de Jelin de que a memória se constrói em plural, marcada por disputas sociais e pela definição de fronteiras de identidade, é evidente nas relações da Vila C com as outras vilas. Amanda e Maria relatam a tensão entre as vilas, onde os alunos da Vila C eram rotulados de "pé sujo" pelos alunos da Vila A por causa da lama. Isso ilustra como o sujeito seleciona traços de identificação e diferenciação para definir os limites de sua identidade grupal.

Há lutas por representações, legitimidade e poder. Os moradores da Vila B, por exemplo, eram vistos como mais problemáticos, com alguns dizendo:

> "o meu pai paga tudo isso" (Maria, 2020).

Isso reflete uma hierarquia social baseada na posição do pai na estrutura da Itaipu. No entanto, o relato também mostra a fraternidade como a mãe de leite – mãe de Amanda amamentando o filho de Maria, que coexiste com as tensões, demonstrando a complexidade da realidade social.

> Eu sou mãe de leite (Maria, 2020)
> O Jean mamou na Terezinha. Mãe de leite do meu filho (Amanda, 2020).
> A gente ficou grávidas juntas? Né? Dezenove dias de diferença (Amanda, 2020).

Para a autora, o passado é ativado no presente e em função de expectativas futuras, e períodos de crise geralmente implicam a reinterpretação da memória e o questionamento da própria identidade. A transição de 1991, quando a Vila C deixou de ser restrita da Itaipu e foi municipalizada, e as demissões em massa ("peões") ocorreram, foi um momento de crise. Maria descreve que foi "tipo assim, de ter puxado o tapete" – uma mudança radical que encerrou a "boa vida" e a "tranquilidade" que a Itaipu proporcionava. Esse evento memorável, associado a emoções e afetos como o desemprego simultâneo, impulsionou uma busca de sentido e exigiu que as famílias se reestruturassem. A saída da proteção da Itaipu e o fim dos benefícios como troca de lâmpadas e chuveiros, forçou uma nova narrativa sobre a vida e o futuro.

O papel do silêncio e do esquecimento se manifesta, embora de forma mais sutil, nos relatos. Amanda conta que seu pai, um armador respeitado, não falava "muita coisa" sobre seu

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

trabalho na Itaipu, pois era “mais rígido” com mulheres. Esses silêncios podem estar ligados ao desejo de não ferir ou transmitir sofrimentos, ou simplesmente à distinção rígida entre espaços masculinos e femininos.

> Meu pai, meu pai era, na realidade, meu pai era um dos melhores armadores de lá, ele contava muita- é, ele não contava muita coisa assim pra gente, porque... ele contava... dos, dos homens, sabe. Porque meu pai sempre foi mais rígido né: mulher com mulher e homem com homem [ri], entendeu? Então ele não contava muita coisa, a única coisa que- meu pai trabalhou dezesseis anos e ele era muito trabalhador (Amanda, 2020).

A necessidade de contar a história dos trabalhadores, suas famílias e, principalmente, das mulheres, surge do esforço de ativar uma memória narrativa que estava potencialmente ausente ou subsumida pela narrativa “oficial” da Itaipu. Jelin destaca que a memória se torna coletiva no ato narrativo compartilhado. O projeto de coletar essas histórias busca preencher as lacunas e fraturas inerentes à memória.

Em resumo, as entrevistas fornecem evidências baseadas na construção das memórias plurais da Vila C, moldadas pelos marcos sociais impostos pela Itaipu, ativadas e reinterpretadas em momentos de crise (1991) e carregadas de disputas internas e externas que definem uma forte identidade grupal.

Segundo Maurice Halbwachs, a memória individual está sempre inserida em quadros sociais que moldam e organizam as lembranças, como a família, a escola e a comunidade. Esse aspecto fica claro nas entrevistas com Maria e Amanda, que relatam suas experiências marcantes relacionadas à escola Anglo-Americano e outras instituições locais. Maria, por exemplo, descreve sua trajetória desde a alfabetização pelo Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e seu trabalho como inspetora no Anglo-Americano, destacando como esse ambiente escolar organizava sua rotina e sua identidade social.

A exigência do uso de crachás e o papel dos inspetores refletem a estrutura institucional que permeia a memória coletiva da Vila C. Da mesma forma, Amanda recorda com afeto seu tempo no Anglo-Americano, ressaltando que esse espaço escolar era fundamental para a formação de laços sociais duradouros entre os moradores. As amizades construídas e as excursões organizadas pela escola são exemplos claros de como a memória individual se entrelaça com a memória coletiva, consolidando um senso de pertencimento à comunidade.

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

O fechamento do Anglo-Americano, mencionado por ambas as entrevistadas, representou uma ruptura significativa nos quadros sociais que sustentavam as lembranças coletivas do bairro. Para Maria, foi uma “puxada de tapete”, pois o encerramento da escola implicou a perda de um espaço importante de estabilidade e convivência social, afetando não apenas a memória, mas também o cotidiano da comunidade. Amanda também relata os impactos negativos dessa mudança, incluindo o desemprego e o sofrimento de algumas colegas que desenvolveram problemas de saúde, mostrando como rupturas institucionais influenciam diretamente a preservação da memória coletiva.

Amanda menciona a visão negativa que os moradores das Vilas A e B tinham da Vila C, chamando seus moradores de “fuleiros” e evidenciando o estigma social que permeia as relações entre as vilas. Essa percepção mostra como a memória coletiva não é homogênea e pode conter tensões e exclusões, reproduzindo divisões sociais dentro do próprio espaço comunitário.

Por fim, as lembranças de dificuldades cotidianas, como o barro que tomava conta das ruas da Vila C e o uso de sacolas para proteger os pés, revelam também o contexto material e simbólico que molda a memória da comunidade. Esses detalhes, compartilhados por Maria e Amanda, confirmam a importância dos quadros sociais, que vão além das instituições, para a construção da memória, integrando aspectos econômicos, culturais e afetivos que compõem a identidade coletiva dos moradores.

Lembranças de Maria sobre o cotidiano no bairro, como o trabalho no colégio Anglo-Americano, as dificuldades com a infraestrutura precária e a vivência da comunidade, demonstram essa construção coletiva da memória, onde o passado compartilhado contribui para a formação do pertencimento e da identidade do bairro.

Ao mesmo tempo, Jelin amplia a compreensão da memória ao enfatizar sua dimensão política e social, destacando como a memória coletiva pode revelar tensões, exclusões e processos de poder. A narrativa de Amanda, que fala sobre as relações entre as vilas A, B e C, as distinções sociais, os preconceitos vivenciados e a valorização das instituições educacionais locais, traz à tona essas dinâmicas sociais e as desigualdades incorporadas na memória comunitária. Segundo Jelin, a memória atua também como um instrumento de resistência e reconhecimento das histórias marginalizadas, o que se evidencia nas lembranças das dificuldades enfrentadas e das conquistas na Vila C. Dessa forma, as experiências relatadas pelas entrevistadas mostram que a memória social e coletiva não apenas preserva o passado, mas também serve para interpretar e transformar o presente.

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

Ao integrar as ideias de Halbwachs e Jelin, é possível compreender que a memória da Vila C está em constante reconstrução, mediada pelas relações sociais, pelas experiências compartilhadas e pelas disputas simbólicas e políticas que atravessam o bairro. Essa integração reforça a importância de analisar a memória não apenas como um fenômeno individual, mas como um processo social que reflete e influencia a realidade dos moradores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar como as memórias das mulheres que viveram na Vila C durante e após a construção de Itaipu se articulam com a narrativa histórica oficial, revelando tensões, resistências e a construção de uma identidade de pertencimento feminino. A investigação foi guiada pela metodologia da História Oral, crucial para resgatar a perspectiva das mulheres, um grupo historicamente silenciado nas narrativas hegemônicas da grande obra. O referencial teórico, ancorado em Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Elizabeth Jelin, forneceu o instrumental necessário para compreender a memória não como um registro individual isolado, mas como um fenômeno socialmente construído e disputado.

Ao longo da análise, foi possível cumprir os objetivos específicos propostos, comprovando que a Vila C não se configura apenas como um espaço residencial funcional, mas como um palco de tensões sociais. O estigma de "pé sujo" imposto aos moradores da Vila C, em contraste com a imagem de elite associada às Vilas A e B, demonstrou a existência de uma hierarquia rígida que reproduzia as desigualdades do canteiro de obras e que era ativamente sentida e recordada pelas entrevistadas. Essa percepção revelou que o quadro social da Vila, embora organizado e seguro pela Itaipu, continha conflitos que a memória oficial buscava neutralizar.

Neste sentido, os depoimentos de Maria e Amanda se manifestaram como uma poderosa "Memória Subterrânea" (Pollak), emergindo para contestar o silêncio da história hegemônica. As lembranças detalhadas da escola de madeira pintada de azul, do barro nas ruas e do ônibus, funcionam como marcadores concretos que ancoram uma experiência coletiva que está à margem da grandiosidade da usina. A memória dessas mulheres revela que o cotidiano da Vila C foi marcado tanto pelo rigor das regras da Itaipu, quanto pela solidariedade e pela partilha de alimentos, um hábito ligado à cultura rural trazida pelos migrantes. Essa riqueza de detalhes provou a importância de escutar o olhar feminino, que

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

evidenciou a divisão de espaços e as experiências do dia a dia que foram ignoradas em uma história contada por homens.

A análise reforçou, ainda, que a memória é constitutiva do sentimento de identidade. A resistência social se concretizou na formação de uma "Comunidade Afetiva" (Pollak), evidenciada nos laços duradouros e na fraternidade, como a de uma mãe amamentando o filho da amiga. Foi essa coesão grupal que permitiu que a memória da Vila C se solidificasse como um lugar único e positivo (Maria: "a minha cidade, Vila C, meu país"). Essa identidade foi crucial para enfrentar o momento de crise e ruptura em 1991/1992, quando a transição da administração da Vila e as demissões geraram sofrimento e desestabilizaram os "quadros sociais" (Halbwachs), forçando uma reinterpretação da memória e da própria vida.

Em conclusão, a pesquisa demonstrou que as memórias das mulheres da Vila C se articulam com a narrativa histórica oficial, revelando que o passado de Itaipu não é homogêneo, mas sim um campo de disputas. O olhar feminino, ao ativar a memória subterrânea, não apenas complementa, mas ativamente tensiona a narrativa hegemônica de progresso e harmonia, ao evidenciar a hierarquia, a discriminação e, sobretudo, a resiliência e a coesão de uma comunidade de pertencimento.

O presente trabalho contribui, assim, para a historiografia de Foz do Iguaçu e da Usina de Itaipu ao dar visibilidade às vozes historicamente marginalizadas, preenchendo as lacunas e fraturas inerentes à memória. Sugere-se, como caminhos para futuras pesquisas, um estudo comparativo da experiência feminina nas diferentes vilas de Itaipu (A, B e C) ou a expansão da pesquisa para as famílias dos trabalhadores no lado paraguaio, a fim de aprofundar a compreensão da complexa dinâmica de memória e identidade na tríplice fronteira

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

REFERÊNCIAS

ALVINO DA SILVA, Micael. Breve História de Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014.

BORTOLUZZI, L. N.; TOMMASELLI, J. T. G. A expansão urbana de Foz do Iguaçu entre 1965 e 2020: ocupação de diferentes compartimentos do relevo e confinamento dos cursos d'água. Geousp, São Paulo, v. 28, n. 1, e-204659, jan./abr. 2024. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/204659. Acesso em: 15/11/2025.

CHIAVENATO, Julio José. Stroessner: Retrato de uma Ditadura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

CITY TOUR FOZ. As vilas de Itaipu. City Tour Foz, 2020. Disponível em: https://blog.citytourfoz.com.br/as-vilas-de-itaipu/. Acesso em: 28 out. 2025.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. As condições de vida em Itaipu (da opressão aos trabalhadores à revolta dos peões na noite de 8 de março de 1978). In: CHIAVENATO, Julio José. Stroessner: retrato de uma ditadura. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 165-168.

GERALDO, Endrica. Vila C de Itaipu, Foz do Iguaçu (PR). LEHMT – Laboratório de Estudos da História dos Mundos do Trabalho, 2022. Disponível em: https://lehmt.org/lmt105-vila-c-de-itaipu-foz-do-iguacu-pr-endrica-geraldo/. Acesso em: 22 out. 2025.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. [S.l.]: [s.n.], 1968. p. 9-188.

JELIN, Elizabeth. ¿De qué hablamos cuando hablamos de memorias? España, 2001. p. 1-17.

JESUS, Rodrigo P. de. Aspectos da constituição urbana de Foz do Iguaçu: experiência dos moradores do bairro Vila C. p. 1-20, 1976-2006. Disponível em: https://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/rodrigopaulo.pdf. Acesso em: 03 nov. 2024.

LE BARRAGE d'Itaipu. Direção: Jean Labib. França. 1 vídeo (55 min 25 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q9Iy-Clolk8. Acesso em: 7 jul. 2023.

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41

MANARIN, Osvaldo. Peões da Barragem. [S.l.]: [s.n.], 2008. p. 1-146.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: FLAKSMAN, Dora Rocha (Org.). Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revisão técnica: Dea Ribeiro Fenelon. Proj. História, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

SILVA, Paulo Renato da; DIAS JÚNIOR, Waldson de Almeida. O "progresso" e a "falta": representações e relações Brasil-Paraguai no jornal O Globo durante a construção da Ponte da Amizade (1956-1965). Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 12, n. 2, ago-dez, 2019. p. 7-32.

Versão Final Homologada
07/01/2026 07:41